

**Educação, Pandemia e Alteridade: reflexões a partir das vozes e falas de educadores (as)**

*Education, Pandemic and Alterity: reflections from educators voices and speeches*

Ketlin Braatz

**Universidade Regional de Blumenau- FURB**

Tarcisio Wickert

**Universidade Regional de Blumenau- FURB**

Celso Kramer

**Universidade Regional de Blumenau- FURB**

Blumenau – Santa Catarina-Brasil

**Resumo**

Vivenciar e experienciar a educação de forma presencial requer um olhar de alteridade do cotidiano, pois se tem a presença do outro de forma integral. Porém, as condições dessas relações no ano de 2020/2021 acontecerem e acontecem em uma modalidade a distância e/ou mediadas por tecnologias remotas. A pesquisa tem por objetivo investigar como os educadores (as) desenvolvem a alteridade nesse modelo de educação. Ela foi desenvolvida de forma virtual, com a utilização de um questionário para a geração de dados, sendo uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório. O aporte teórico é Emmanuel Lévinas (2005) que discute a alteridade, Paulo Freire (2005) que aborda a educação, entre outros autores no campo das ciências humanas, educação e tecnologias. Percebe-se que os educadores estão se esforçando ao máximo na adequação dos usos das tecnologias remotas no processo de ensino-aprendizagem, e no uso destas, ter atitudes de/em Alteridade. Porém, ressalta-se que muitos educadores (as) encontram dificuldades no uso das relações virtuais para o exercício da Alteridade.

**Palavras-chave:** Educação; Alteridade; Pandemia. Tecnologias.

**Abstract**

Experiencing education in person requires a look of daily alterity, as the presence of the other is integral. However, the conditions of these relations in 2020/2021 happen in a distance and / or technology-mediated modality. The research aims to investigate how educators develop alterity in this model of education. The research was developed in a virtual way, with the use of a questionnaire for the generation of data, being a qualitative research, characterized as an exploratory research. The theoretical contribution is Emmanuel Lévinas (2005) who discusses otherness, Paulo Freire (2005) who addresses education, among other authors in the field of humanization, education and technologies. It is noticed that educators are thinking about the innovation of these otherness attitudes, however some educators find it difficult to have these relationships in a virtual way.

**Keywords:** Education; Alterity; Pandemic. Technologies.

## Introdução

Estamos vivendo um momento único na história da humanidade, em meio à crise econômica, social e sanitária, aprofundada pela pandemia. Pensar esse novo modelo de educação exige que olhemos o modelo de ensino aprendizagem numa nova perspectiva e demanda sobre a educação em seu todo. Como pesquisadores, esse modelo de educação vem despertando uma preocupação sobre quais seriam os desdobramentos e (des)caminhos que estão se constituindo, uma vez que as secretarias estaduais e municipais de Educação optaram em manter as aulas *on-line*, por meio de plataformas digitais, WhatsApp e redes sociais, apostando na “geração conectada em tecnologias” e sua adesão. No entanto, não está acontecendo o envolvimento esperado; pelo contrário, o alto índice de inadimplência na entrega dos trabalhos e atividades vem descortinando a desigualdade social, antes camuflada e invisível atrás dos muros da escola. A grande maioria das famílias que tem seus filhos na rede pública de ensino não possui computador ou notebook, não possui uma rede *wi-fi* em suas casas, apenas um ou dois aparelhos celulares, mas que, de igual forma, não comportam a instalação dos aplicativos exigidos pelas secretarias de educação estaduais ou municipais.

Crise pode ser conceituada como desgaste ou incapacidade de certo modelo de pensamento, paradigmático ou procedimento tecnológico quando este não consegue mais responder satisfatoriamente as demandas a que emerge do contexto social e epistêmico. Momentos de crise são, simultaneamente, momentos de desesperança ao modelo ainda em vigência e de aposta nas iniciativas e novas possibilidades que se apresentam. As crises são processos de mudanças, de transformação, de passagem de uma forma referencial para outras. Neste sentido, elas são também experiências de maior criatividade, inventividade. Quanto mais profunda e ampla for a crise, maior o grau de transformação e a irreversibilidade da experiência.

As experiências históricas que estamos vivendo, sobretudo a partir dos anos 60 do século passado e as primeiras duas décadas do século XXI caracterizam-se por crises em praticamente todos os campos: as teorias filosóficas, as ideologias, os fundamentos epistemológicos, as bases da moral, os processos produtivos, as comunicações, as formas religiosas, as configurações e as estratégias políticas dos estados, as criações tecnológicas em todos os campos, incluindo o da educação. Trata-se de um processo de crise da maior amplitude e profundidade jamais experimentadas pela história da humanidade, ou seja, das diferentes formas com que os grupos/etnias humanas construíram seus modos de ser no planeta Terra. Pela amplitude e profundidade, ela é, igualmente, irreversível e criadora de novas formas de experiências de vida e práticas educacionais cada vez mais plurais.

Pensar o modelo de educação com aulas remotas, mediado por dispositivos físicos ou virtuais requer olharmos as dinâmicas dos processos ensino-aprendizagem sob novas perspectivas,

evoca refletirmos estas práticas em termos de vivências, experiências pessoais e coletivas. Neste contexto, das atividades de ensino-aprendizagem remotas, levanta-se um questionamento fundamental: como ocorrem, as relações de alteridade nessa modalidade de ensino? *Alteridade*, segundo o dicionário de filosofia de Nicola Abbagnano (2012, p. 35) significa, “ser outro, pôr-se ou constituir-se como outro”. Nesse sentido, compreender e assimilar esse conceito é um grande desafio para o exercício da atividade nobre que é a educação escolar.

A partir desses pontos, a pesquisa tem como objetivo pensar as relações de alteridade no espaço domiciliar por conta do distanciamento social. A pesquisa terá como instrumento de geração de dados um questionário enviado por e-mail para professores de diferentes etapas da educação básica. A pesquisa se caracteriza como abordagem qualitativa e exploratória, visando pensar um tema já conhecido em contextos convencionais das instituições em um novo cenário, das aulas remotas no contexto da pandemia do Covid-19.

Os processos de alteridade em educação geralmente são pensados dentro das instituições escolares, no convívio/interação social entre os diferentes atores do cotidiano da instituição. Pensando em trabalhar mais humanamente, como se apresenta a questão da alteridade numa condição de isolamento social?

Esse artigo visa dialogar com o conceito de alteridade a partir de Emmanuel Lévinas, um filósofo que viveu o holocausto. Foi exilado do seu país pois era judeu. Ele não compreendia as causas de tanta violência, ainda mais que era motivada por uma escolha religiosa. A partir de sua vivência em campos de concentração e do holocausto ele elabora seu pensamento, conceituando a filosofia primeira não como ontologia, mas como ética. Da ética como *filosofia primeira* ele erige a compreensão de alteridade. Com base na compreensão de alteridade de Lévinas busca-se dialogar sobre sua importância na educação, tanto no contexto escolar quanto para além dele.

### **Como entender o conceito de Alteridade a partir de Lévinas?**

Emmanuel Lévinas tem na Alteridade o que ele denomina de *filosofia primeira*. Assim, para Lévinas, Alteridade significa:

O rosto de Outrem destrói em cada instante e ultrapassa a imagem plástica que ele me deixa, a idéia à minha medida e à medida do seu *ideatum* – a ideia adequada. [...]. Abordar Outrem no discurso é acolher a sua expressão onde ele ultrapassa em cada instante a idéia que dele tiraria um pensamento. É, pois, receber de Outrem para além da capacidade do Eu; o que significa exatamente: ter a ideia do infinito. Mas isso significa também ser ensinado. A relação com Outrem ou o Discurso é uma relação não-alérgica, uma relação ética, mas o discurso acolhido é um ensinamento. O ensinamento não se reduz, porém, à maiêutica. Vem do exterior e traz-me mais do que eu contendo. Na sua transitividade não-violenta, produz-se a própria epifania do rosto. (LEVINAS, 2000, p. 37-38).

A concepção levinasiana de alteridade se constitui a partir do rosto do outro e de outrem, do olhar, do conhecer, do dialogar, percebendo, vendo, sentindo, transformando essas atitudes em respeito para com a alteridade. Assim, buscamos pensar esse conceito de alteridade a partir da compreensão do Outro, conhecê-lo, colocarmos-nos no lugar dele, sem críticas, sem julgamentos, vivermos o eu-tu profundamente, uma vez que o mundo é diverso de pensamentos, vontades, atitudes e ações, sendo necessário o respeito. Entendemos que a alteridade é um exercício diário de convivência na coletividade, uma vez que viver a vida em e com Alteridade não implica em haver dificuldade com o Outro no cotidiano da vida, mas sim que as relações serão mais humanas e com menos violência. Por isso, a possibilidade de existir mais paz é bem maior (BRAATZ, 2017).

Porém, para Lévinas, a alteridade vai além da compreensão, da apreensão do outro. Por isso,

Nossa relação com ele consiste certamente em querer compreendê-lo, mas esta relação excede a compreensão. Não só porque o conhecimento de outrem exige, além da curiosidade, também simpatia ou amor, maneiras de ser distintas da contemplação impassível. Mas também porque, na nossa relação com outrem, este não nos afeta de um conceito. Ele é ente e conta como tal (2005, p. 26).

A compreensão é uma atitude importante no processo educacional que visa respeitar a Alteridade a partir do diálogo como uma forma de compreensão de uma relação eu-tu. A Alteridade se constitui a partir do rosto do outro, pois entendemos que o rosto fala, expressa muitas coisas que às vezes não conseguimos perceber na fala, isso quer dizer conforme Lévinas que:

[...] a tentação da negação total, medindo o infinito desta tentativa e sua impossibilidade, é a presença do rosto. Estar em relação com outrem face a face é não poder matar. É também a situação do discurso [...]. Que a relação com o ente seja invocação do rosto e já palavra, relação com uma profundidade antes que com um horizonte, no sentido de ruptura do mesmo, que meu próximo seja o ente por excelência. É preciso considerar que o rosto significa outramente. Nele, a infinita resistência do ente ao nosso poder ser afirma precisamente contra a vontade assassina que ela desafia, porque totalmente nua – e a nudez do rosto não é uma figura de estilo, ela significa por si mesma. Nem se pode dizer que o rosto seja uma abertura; isto seria torná-lo relativo à uma plenitude circundante (LÉVINAS, 2005, p. 32).

Então, a alteridade implica em um olhar minucioso para o outro, muitas vezes pela fala, pelo rosto, pela atitude. A alteridade é colocada como uma singularidade do humano que nos faz humano.

Como manifestação de uma razão, a linguagem desperta em mim e em outrem o que nos é comum. Mas ela supõe, em sua intenção de exprimir, nossa alteridade e nossa dualidade [...]. Com efeito a transcendência do interlocutor e o acesso a outrem pela linguagem manifestam que o homem é uma singularidade. Singularidade diferente daquela dos indivíduos que subsumem sob um conceito ou que articulam seus momentos (LÉVINAS, 2005, p.49-50).

Respeitar as diferenças não significa apenas *aceitar*, mas compreender todo o processo de vida de cada indivíduo em sua individualidade. Então é necessário que essas diferenças, mesmo à distância, sejam entendidas e respeitadas.

Respeitar a diferença não pode significar 'deixar que o outro seja como eu sou' ou 'deixar que o outro seja diferente de mim tal como eu sou diferente (do outro)', mas deixar que o outro seja como eu não sou, deixar que ele seja esse outro que não pode ser eu, que eu não posso ser, que não pode ser um (outro) eu; significa deixar que o outro seja diferente, deixar ser uma diferença que não seja, em absoluto, diferença entre duas identidades, mas diferença da identidade, deixar ser uma outridade que não é outra "relativamente a mim" ou "relativamente ao mesmo", mas que é absolutamente diferente, sem relação alguma com a identidade ou com a mesmidade (PARDO, 1996, p. 154).

O que nos torna humanos é a nossa humanidade, nossas atitudes devem corresponder a atos humanos educativos. Sendo assim, temos que repensar as atitudes de alteridade constantemente que é para a vida que vivemos, e isso implica colocar-se no centro de suas ações e, ao mesmo tempo, do outro, pois como vimos, é a partir do outro e com o outro que nos tornamos seres humanos. Esse é um grande desafio, colocar na prática do cotidiano escolar a Alteridade como ensino norteador do ensino-aprendizagem.

### **Educação e Alteridade em Tempos de Pandemia**

A educação é uma relação com o outro a todo momento, nos relacionamos na escola com indivíduos de diferentes idades, jeitos, maneiras, convivências familiares e formas de vida. A interação dentro dos ambientes escolares é importante para que essas relações aconteçam e assim ampliemos as relações com os diferentes e aprendamos a viver coletivamente.

É nas instituições escolares que são proporcionados diferentes modos de convivências e experiências compreendendo as diversidades. É nos espaços escolares que devemos compreender e respeitar essas diversidades, pela forma de olhar para o diferente como forma de igualdade, dignidade e senso de justiça. Nesse sentido, Freire afirma:

É preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa ao fatalismo, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática pedagógica-progressista (FREIRE, 2004, p. 120).

Esses comportamentos deveriam ser evidenciados e concretizados na escola, principalmente, pelas atitudes dos educadores, que sejam capazes de inovar e transmitir amorosidades em suas práticas, para assim ter uma sociedade mais justa e com alteridade.

A educação presencial é importante para que essas relações aconteçam pedagogicamente e de forma natural. Claro, para que isso aconteça temos que pensar na formação dos profissionais da educação e nas atitudes desses profissionais perante os diferentes, nesse caso os diferentes são os “diferentes de mim”. [...] Dever-se-iam priorizar os valores como a paz, a democracia, a liberdade e o respeito ao direito da autonomia e à diferença [...] (SIDEKUM 2002, p. 79). O essencial é que os profissionais tenham acesso as formações que enfatizem que o valor do Outro é essencial para o processo de formação humana, tanto na educação escolar, quanto na sociedade.

É nos espaços escolares que devemos compreender e internalizar a existência real empírica das diversidades, ou seja, as maneiras variadas da manifestação e presença da alteridade que, de acordo com Fleuri (2006, p. 32) é essa:

Particular atenção às relações e aos contextos que vão se criando, de modo a contribuir para a explicitação e elaboração dos sentidos [...] que os sujeitos em relação constroem e reconstruem. Nesses contextos, o currículo e a programação didática, mais do que um caráter lógico, terão uma função ecológica, ou seja, sua tarefa não será meramente a de configurar um referencial teórico para o repasse hierárquico e progressivo de informação, mas prever e preparar recursos capazes de ativar a elaboração e circulação de informações entre sujeitos, de modo, que se auto-organizem em relação de reciprocidade entre si e com o próprio ambiente.

A formação dos profissionais da educação deveria ter esse olhar para o mundo no seu todo para poderem transformar a sociedade em um modo em que todos sejam responsáveis pela transformação de si e do outro, a partir do processo educacional escolar. A transformação acontece na educação se tivermos uma visão mais alteritária de uma vida mais humanizadora. Somente assim:

O sonho pela humanização, cuja concretização é sempre processo, e sempre devir, passa pela ruptura das amarras reais, concretas, de ordem econômica, política, social, ideológica etc., que nos estão condenando à desumanização. O sonho é assim uma exigência ou uma condição que se vem fazendo permanente na história que fazemos e que nos faz e re-faz (FREIRE, 2001, p. 99).

A educação escolar desde muito tempo tem a responsabilidade de transformação humana e social. Sendo responsável pela condução da sociedade em que vivemos, tornando-a mais humana e respeitada, porém, isso só é possível quando a educação escolar for uma prática da liberdade, em todos os sentidos desde o pessoal para conhecer-se a si mesmo e o coletivo.

O modelo de educação escolar que estamos experienciando, seja mediado por tecnologias, seja no modo a distância, nesse momento de pandemia fez com que de alguma maneira o ano não seja perdido, tendo uma atenção de governantes, profissionais, secretarias para que essas crianças e adolescentes, tenham de algum modo seu direito de estudar garantido. Mas a pergunta é quem são as pessoas que realmente têm acesso a esses materiais, tanto tecnológico, como familiar? Isso demonstra e amplifica a desigualdade social já existente por muitos anos no nosso país. Será que estão tendo um olhar para o outro? Será que as crianças vão aprender? Será que as relações com o outro estão sendo desenvolvidas dentro dos convívios familiares? Será que vamos continuar com esse modelo de educação desigual? São muitos questionamentos para poucas respostas, mas segundo alguns dados encontrados no site da CETIC (2019, p.1):

O Brasil conta com 134 milhões de usuários de Internet, o que representa 74% da população com 10 anos ou mais. Apesar do aumento significativo nos últimos anos na proporção da população brasileira que usa a Internet, cerca de um quarto dos indivíduos (47 milhões de pessoas) seguem desconectados. É o que aponta a pesquisa **TIC Domicílios 2019**.

Segundo a pesquisa feita, percebemos que muitas pessoas ainda não têm acesso as tecnologias, para uma formação mais ampla devemos ampliar os acessos. Sendo 74% da população que possuem acesso à internet, não significa que todas conseguem utilizar essa internet para a educação escolar. Já as outras 26% da população ainda não tem acesso, como fazer para que essa população tenha acesso de maneira justa e participe do processo de educação escolar? Também em uma pesquisa feita pela CETIC, demonstra que “*Brasil ainda tem 4,8 milhões de crianças e adolescentes que vivem em domicílios sem acesso à Internet*” (TIC Kids, 2020).

Outra forma de pensar a alteridade nessa modalidade de educação é saber que antes de pensar em acesso é necessário pensar em outras *pandemias* já existentes, como a fome, a falta de saúde, a falta de formação e a falta de acesso digno a educação escolar. A

responsabilidade desses acessos é dever de todos, principalmente dos governantes do nosso país.

A educação escolar presencial acontece de diferentes formas e experiências. Assim, quando se trata da educação infantil as crianças pesquisam, exploram, vivenciam, interagem e tem a liberdade de brincar com diversos elementos da natureza, além de estar em contato com um profissional qualificado para atuar nessa faixa etária. Já no ensino fundamental as crianças no processo de alfabetização, necessitam acesso a outras formas de incentivo para concretizar a alfabetização. Em outras etapas da educação são diversos conteúdos trabalhados separadamente, mas sempre com o olhar dos profissionais. Mas entre todos esses conteúdos, brincadeiras e experimentações, existem também as formas de aprendizados relacionados com o outro e viver socialmente, atitudes que com as tecnologias podem ser um pouco difícil, mas não impossíveis “[...] o calor afetivo do amor realiza a consciência dessa satisfação, desse contentamento, dessa plenitude, encontrados fora de si”. (LÉVINAS, 2005, p. 147).

Um ponto importante é refletir sobre como podemos alcançar propostas que busquem um olhar mais atento aos estudantes e das famílias a partir da alteridade. Assim, temos que repensar como essa forma pode acontecer virtualmente, sendo que uma das possibilidades é pensar as relações dialógicas no meio virtual para alcançar a alteridade a partir dessas relações. Além disso, precisamos seriamente perceber que tipo de mundo queremos e que tipo de pessoas somos “para podermos sair de nós mesmos em direção ao outro é preciso, sem dúvida, partirmos do nosso próprio interior. É preciso ter estado, é preciso estar em si mesmo. O diálogo entre meros indivíduos é apenas um esboço, é somente entre pessoas que ele se realiza” (BUBER, 2009, p. 55). Uma relação dialógica requer o conhecimento do mundo que estamos inseridos para a sua transformação, o eu transforma quando se tem abertura para o outro e suas singularidades, só assim eu consigo a transformação social, como cita Freire (2005, p. 91), o diálogo é a união dos indivíduos “mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu”.

A formação tanto presencial quanto a remota modelo atual sendo a distância e mediados por tecnologias é complexa, isso requer inovação para desenvolver uma formação com mais humana. Sendo assim:

O formador forma-se a si próprio, através de uma reflexão sobre os seus percursos pessoais e profissionais (auto-formação); o formador forma-se na relação com os outros, numa aprendizagem conjunta que faz apelo à consciência, aos sentimentos e às emoções (hetero-formação); o formador forma-se através das coisas (dos saberes, das técnicas, das culturas, das artes, das tecnologias) e da sua compreensão crítica (eco-formação) (NÓVOA, 2004, p. 16).

A educação de diversas maneiras é uma formação para a vida, sendo indissociável da vivência diária, ou seja, uma práxis entre o que vivenciamos na escola e o que estamos vivendo fora da escola.

Vivenciar esse momento de pandemia requer pensar em todas as pandemias existentes no mundo, principalmente no Brasil. Como garantir essa educação de forma igualitária e de alteridades para todos? Precisamos repensar nossas atitudes e nas pessoas que tem poder sobre o país, pois só é possível a transformação se todos tiverem um olhar sensível para com o outro.

### **Método da Pesquisa**

A pesquisa se caracteriza como qualitativa e foi desenvolvida com educadores (as) da educação básica. Assim, segundo BOGDAN e BIKLEN (1994 p. 50).

Os investigadores qualitativos em educação estão continuamente a questionar os sujeitos de investigação, com o objectivo de perceber "aquilo que eles experimentam, o modo como eles interpretam as suas experiências e o modo como eles próprios estruturam o mundo social em que vivem"

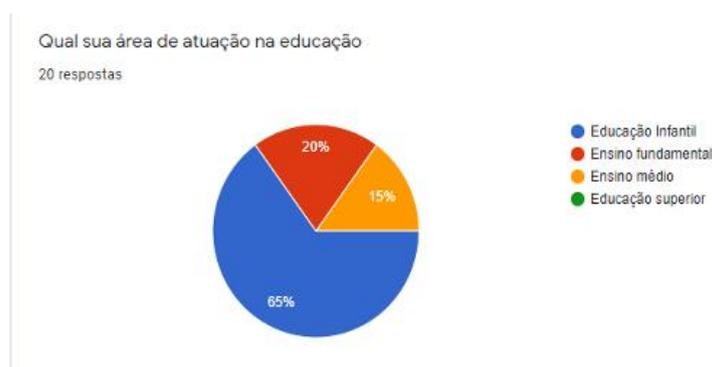
A pesquisa também se caracteriza como exploratória segundo Gil (2010, p. 27) [...] com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca) [...] com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis.

O instrumento utilizado foi a partir de um formulário/entrevista encaminhado para educadores (as) que foram compartilhando as pesquisas com outros profissionais da educação. O objetivo é buscar um entendimento melhor sobre a alteridade a partir das aulas remotas mediadas por tecnologias ao longo do período da pandemia. Então, segundo Marconi & Lakatos (1999:100) "instrumento de coleta de dados constituído por uma série de perguntas, que devem ser respondidas por escrito".

### **Análise dos Dados**

A partir do formulário/entrevista encaminhado e compartilhado pelos educadores (as) serão subdivididos em quadros a partir dos questionamentos feitos no formulário, seguindo a análise a partir de cada pergunta. Assim, tivemos um percentual de vinte participantes (as), que estarão representados no gráfico abaixo, iniciando-se pela atuação do profissional na educação. Porém, vamos selecionar as respostas, consideradas mais relevantes para discutir a alteridade nesses tempos de pandemia.

Fig. 1



Fonte: Elaborados pelos autores, pelo google forms.

A análise de cada questionamento será a partir das perguntas. Sendo assim, a segunda pergunta feita foi **qual seu entendimento em relação a Alteridade?** Vejamos algumas respostas oferecidas no quadro.

Quadro 1- respostas sobre a alteridade

1. A habilidade de colocar-me no lugar do outro na perspectiva de passar a ter respeito, compreensão e principalmente mudar a minha atitude com este outro
2. É a diferença de cada um que nos faz interagir com o outro. Sempre procuramos no outro o nosso igual, mas o que nos atrai são as diferenças.
3. É uma relação de diferença entre o outro
4. Diferente
5. Alteridade é se colocar no lugar do outro.
6. Reconhecer a pessoa do jeito que ela é
7. Qualidade/alteração
8. É o reconhecimento da singularidade das pessoas
9. Acho algo necessário como meio de enfrentar a situação atual.
10. Alteridade está no nível de como nos relacionamos com o outro, o diferente do si mesmo.

Fonte: Elaborados pelos autores, pelo google forms.

As respostas dadas vão na direção da alteridade, principalmente “reconhecer, relação com o outro, diferença, colocar-me no lugar do outro”. Com essas respostas percebemos que esses profissionais da educação tem o entendimento do que é a alteridade e como é importante, pois apesar das respostas serem pequenas, dão grande ênfase a relação com o outro. No mundo atual é importante percebermos e conhecermos os conceitos das palavras, pois nos remetem a outros conhecimentos e ampliam nosso olhar para com as relações.

a ampliação da consideração ao outro, de forma a não percebê-lo só como objeto de dever, mas abrimo-nos às diferenciações e peculiaridades da pessoa. A orientação normativa deve levar em consideração as particularidades dos indivíduos concretos. Tal postura exige uma abertura para vivências que não se estruturam apenas pela dimensão cognitiva dada por orientações normativas (HERMANN, 2001, p. 23).

Quando os profissionais estão envolvidos na educação escolar a relação com o outro é constante, temos que buscar diferentes formas de relação com o outro, principalmente, pelo fato de que os estudantes estão a distância e essas relações precisam ser repensadas a todo momento, para poder se relacionar com alteridade, tendo como base, sempre o de diálogo. “o diálogo, assim, além do mero falar, é também transcendência, não apenas uma forma dela, mas seu “modo original” (LEVINAS, 2002, p. 198).

A segunda pergunta é **como você avalia esse processo de relação com o outro no EAD/ Ensino mediado por tecnologia?**

#### Quadro 2- respostas sobre tecnologia

1. Creio que a tecnologia deve ser uma ferramenta de ensino e não um modo de ensino.
2. Desgastante psicologicamente.
3. Também proveitoso
4. Interessante que passamos a nós ver mais no outro
5. Aprendemos uns com os outros, nos faz valorizar as ideias do outro.
6. Incompleto, por mais que se faça. Não existe interação melhor do que o presencial. A proximidade e o contato direto com as pessoas é inerente ao ser humano.
7. No momento se faz necessário, mas deixa os laços afetivos com rupturas no processo de formação humana.
8. Excelente, é uma nova fase da Educação.

Fonte: Elaborados pelos autores, pelo google forms.

Percebe-se através das respostas que estão parcialmente divididas entre pontos positivos e negativos. Mas, a questão interessante foram as respostas dos números 6 e

7. Que pensar que a relação/interação, laços afetivos são mais completos na educação presencial. Pois o contato com o outro no presencial vai além do diálogo e do rosto do outro. Como cita Lévinas (1993, p. 18) “na presença do Outro (rosto), manda-me servi-lo, permanecendo salva a autonomia desse Outro, sua alteridade, que seria, de fato, aquilo que me liberta”. Mas também precisamos entender que mesmo presencialmente essa atitude pode não acontecer, se não entendermos a alteridade como um processo dialógico, de atitudes e constantes reflexões com o outro.

Mas a parte positiva pode ser que o ensino nessa modalidade esteja se reformulando e os profissionais consigam perceber e fazer com que essas atitudes aconteçam com o diálogo. Pois é uma das ferramentas mais importantes da alteridade.

O Diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu. Esta é a razão por que não é possível o diálogo entre os que querem a pronúncia do mundo e os que não querem; entre os que negam aos demais o direito de dizer a palavra e os que se acham negados deste direito. É preciso primeiro que, os que assim se encontram negados no direito primordial de dizer a palavra, reconquistem esse direito, proibindo que este assalto desumanizante continue (FREIRE, 2005, p. 91).

Mesmo nessa forma de ensino temos que estar atentos a relação com o outro, mesmo no sentido remoto, pois quando conhecemos as individualidades através do processo educacional, também conseguimos, através do diálogo e da escuta, perceber o outro.

A última pergunta feita foi: **você consegue pensar em propostas que desenvolvam a alteridade no EAD/ Ensino mediado por tecnologia?**

#### Quadro 3- respostas sobre alteridade e tecnologia

1. Sempre há como se desenvolver ideias deste e de outros temas dentro do universo pedagógico, contando com ferramentas tecnológicas para facilitar e inovar a educação.
2. Sim
3. Sim, várias formas para contemplar todos.
4. Sim. As reações que temos com o outro, podem demorar, possibilidade de pensar antes de responder!
5. Sim...se não sabemos, temos chance de buscar e aprender. Uma mão lava a outra
6. Sim. Mas como disse anteriormente, nada substitui o presencial.
7. Não
8. Respeito mútuo, amor à Educação e coragem e adaptabilidade às TICs.
9. Não
10. Talvez com uma filmagem relatando uma rotina da família, como a preparação de uma refeição

11. Sim.
12. Consigo
13. Que seja apresentado através de WEB e que permita a interação entre os participantes.
14. Já existe relação de alteridade no Ead. Ela ocorre de uma forma diferente. Mas, já é uma realidade.

Fonte: Elaborados pelos autores, pelo google forms.

As respostas foram muito positivas sobre essas atitudes perante o ensino nessa modalidade remota, apesar de a pesquisa atingir um público pequeno isso também faz diferença na construção de um conhecimento mais universalizante. Porém, as respostas foram que as tecnologias são uma nova forma de ensino no mundo e buscando um (re)inventar a educação a partir dessas tecnologias, mas com cuidado e olhar para que todos sejam contemplados e não seja algo como uma forma de lucro, como cita Freire (2000, p. 101-102)

quanto maior vem sendo a importância da tecnologia hoje tanto mais se afirma a necessidade de rigorosa vigilância ética sobre ela. De uma ética a serviço das gentes, de sua vocação ontológica, a do ser mais e não de uma ética estreita e malvada, como a do lucro, a do mercado.

O processo de educação de todas as formas e modelos deve enfatizar as relações de alteridades. Só assim poderemos ter uma formação integral humanizadora e fortalecer os laços com os diferentes.

### **Considerações finais**

Essa pesquisa foi um processo de entendimento complexo para repensar a Alteridade tanto nos espaços da educação escolar, envolvendo essencialmente os participantes da pesquisa, quanto os pesquisadores como sujeitos da pesquisa. Quando a pesquisa foi desenvolvida, muitos foram os contatos realizados, mas tivemos uma base reduzida de educadores(as) que responderam aos nossos desejos e anseios, principalmente do ensino superior.

Essa pesquisa nos auxiliou para uma reflexão mais profunda do ensino remoto, mostrando que essa modalidade exige e requer um envolvimento mais intenso para o ensino e as atividades para/com os estudantes. As instituições escolares são responsáveis pela formação humana dessas crianças, só planejar as atividades e não olhar para o outro não é integral.

O calor humano aquece, acalma, alivia, mas nesse momento é necessário buscarmos outras formas de aquecer e se relacionar com/em alteridade. Quando se pensa em alteridade, devemos ter clareza que nós também somos parte dessa alteridade, pois também somos o outro, compondo a grande rede do coletivo.

Somente se entende a alteridade quando se olha para o diferente como alguém que tem suas individualidades, mas é um ser humano como todos, mas com jeitos, pensamentos e atitudes diferentes. A educação escolar deve ser transformadora e acima de tudo justa. Porque é no coletivo que se transforma, se vive, se conhece e reconhece as maiores expressões humanas. É no processo educacional escolar que aprendemos a ser o que somos: humanos.

### Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012. xiv, 1210 p.

BUBER, M. **Do Diálogo e do Dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 2009

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

BRAATZ, Ketlin. **A presença da alteridade no contexto de uma escola pública de Blumenau-SC: uma análise a partir dos dizeres de educandos e educadoras**. 2017. 64 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Centro de Ciências da Educação, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2017. Disponível em: [http://www.bc.furb.br/docs/MO/2017/363469\\_1\\_1.pdf](http://www.bc.furb.br/docs/MO/2017/363469_1_1.pdf). Acesso em: 1 ago. 2020.

CETIC.BR. **CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO Três em cada quatro brasileiros já utilizam a Internet, aponta pesquisa TIC Domicílios 2019** < <https://cetic.br/pt/noticia/tres-em-cada-quatro-brasileiros-ja-utilizam-a-internet-aponta-pesquisa-tic-domicilios-2019/>> acessado em 20/07/2020.

CETIC.BR. **Crianças e adolescentes conectados ajudam os pais a usar a Internet, revela TIC Kids Online Brasil**. < <https://cetic.br/pt/noticia/criancas-e-adolescentes-conectados-ajudam-os-pais-a-usar-a-internet-revela-tic-kids-online-brasil/>>2020. acessado em 01/08/2020.

FLEURI, Reinaldo Matias. Políticas da Diferença: para além dos estereótipos na prática educacional. **Educação Sociedade**. Campinas, v. 27, n. 95, maio/ago., 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000. 134p

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001. 245 p.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2004.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido.** 44. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 200 p, il.

HERMANN, N. **Ética e educação: outra sensibilidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LEVINAS, Emmanuel. **Humanismo do Outro Homem.** Petrópolis: Vozes, 1993.

\_\_\_\_\_. **Totalidade e infinito.** Trad. de José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2000.

\_\_\_\_\_. **De Deus que vem à idéia.** Trad.: Pergentino S. Pivatto (coord). Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. **Entre nós: ensaios sobre a alteridade.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

MARCONI. M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 1999.

NÓVOA, A. Prefácio. In: JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação.** São Paulo: Cortez Editora, 2004.

PARDO, José Luis. **El sujeto inevitable**, in: CRUZ, Manuel (org.). *Tiempo de subjetividad.* Barcelona: Paidós, 1996: 133-154.

SIDEKUM, A. **Ética e alteridade: a subjetividade ferida.** São Leopoldo: UNISINOS, 2002.

### **Sobre autores**

#### **Ketlin Braatz**

Mestranda no Programa de Pós Graduação em Educação na Universidade Regional de Blumenau - Santa Catarina (FURB), na linha de pesquisa Educação, Cultura e Dinâmicas Sociais. Formada em Pedagogia pela Universidade Regional de Blumenau.  
E-mail: kbraz26@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1397-6737>.

#### **Tarcisio Afonso Wickert**

Formado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia da Imaculada Conceição (1994), mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1997) e doutorado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (2013). Professor na Universidade Regional de Blumenau- FURB.  
E-mail: Wickert2019@outlook.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3806-8521>.

#### **Celso Kraemer**

Licenciado em Filosofia pela UNIFEBE de Brusque (1990), mestrado em Educação pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (2003) e doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2008). Professor titular da Universidade Regional de Blumenau desde 1991, lotado no Departamento de Ciências Sociais e Filosofia e docente do Programa de Pós-Graduação em Educação, atuando área de Filosofia da

Educação, Epistemologia da Educação. Docente na Faculdade São Luiz desde 2002. Líder do Grupo de Pesquisa Saberes de Si, vinculado ao PPGE/FURB.  
E-mail: kraemer250@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2406-9638>.

Recebido em: 14/02/2021

Aceito para publicação em: 15/03/2021